

A FAÍSCA DA REVOLUÇÃO: UMA ANÁLISE DA MÚSICA *THE HANGING TREE* EM JOGOS VORAZES¹

Marina Araújo Benigno²
Centro Universitário 7 de Setembro

RESUMO

A pesquisa analisa a canção *The Hanging Tree*, da trilogia Jogos Vorazes, como símbolo narrativo de resistência. A análise fundamenta-se nas concepções de Michel Foucault (1998; 1999) acerca das relações entre poder, discurso e resistência. A metodologia utiliza abordagem qualitativa, interpretativa e discursiva para demonstrar como a canção ultrapassa seu papel estético e assume uma função política na narrativa, tensionando estruturas de dominação e favorecendo a emergência de saberes subjugados. Conclui-se que a obra de Suzanne Collins, para além do entretenimento, promove a formação crítica do leitor por meio de uma metáfora artística da resistência.

PALAVRAS-CHAVE

literatura distópica; simbolismo; jogos vorazes; a árvore-força; resistência.

RESUMO EXPANDIDO

A literatura tem um importante papel na formação crítica e subjetiva dos indivíduos, com atenção especial aos jovens, ao permitir um contato com diferentes contextos históricos, culturais e sociais. Nesse sentido, a literatura distópica ganhou destaque ao longo dos anos – desde o século XX, ao final da Segunda Guerra Mundial, onde teve seu início, até os dias de hoje –, não apenas como forma de entretenimento, mas também como um espaço para reflexões e pensamento crítico. Através das narrativas, o leitor é projetado para um futuro distante, que muitas vezes pode ser uma versão extrema da sua própria realidade, por meio da ficção das obras distópicas o indivíduo se reconhece e pode ser capaz de reconhecer e refletir. (FROTA, 2022). O universo de Jogos Vorazes, da escritora Suzanne Collins, se insere neste cenário distópico ao apresentar em sua narrativa uma sociedade fragmentada, hierárquica e violentamente

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da UNI7, e-mail: marinaaraujo894@gmail.com.

reprimida, governada por um regime autoritário cerrado na Capital e na figura do Presidente Coriolanus Snow. Neste universo, a arte e a memória não são apenas recursos narrativos, mas, também, instrumentos de resistência. A presente pesquisa tem como objetivo analisar a canção *The Hanging Tree* (A Árvore-Forca), presente no universo mencionado, como um símbolo de resistência dentro da obra, a partir das contribuições teóricas do filósofo e historiador, Michel Foucault. A música, inicialmente apresentada como uma memória afetiva da protagonista Katniss Everdeen, ganha centralidade simbólica ao ser distribuída pelas massas e transformada em um emblema de insurgência contra a opressão que viviam.

Utilizaremos nesta pesquisa uma abordagem qualitativa de caráter analítico-interpretativo, que se insere no campo de estudos literários e culturais. A escolha do objeto é justificada pela potência do discurso narrativo da canção e pela sua capacidade de representar, através da arte, formas de resistência às estruturas dominantes. O referencial teórico está fundamentado principalmente nas obras *Microfísica do Poder* (1998) e *Vigiar e Punir* (1999) de Michel Foucault, com destaque para as noções de discurso, poder, vigilância, subjetivação e resistência. Os conceitos citados são aplicados à interpretação dos elementos narrativos do universo, de modo a mostrar a arte e a memória como dispositivos políticos. Foucault rejeita a ideia de que o poder seja exclusivamente negativo ou repressivo, argumentando que também pode ser produtivo, criando realidades, definindo identidades e estabelecendo os limites do que pode ser dito ou até pensado. Além disso, todas as relações de poder, por mais que sejam desequilibradas, geram uma possibilidade para resistência. Tal resistência não nasce necessariamente de grandes revoluções, mas de pequenas práticas cotidianas, silenciosas e simbólicas, que desafiam esses discursos hegemônicos e as estruturas estabelecidas. Ao realizar a análise de *The Hanging Tree* a partir dessa perspectiva, se entende que a canção funciona como enunciado insurgente da narrativa. Ela se separa do discurso dominante ao evocar imagens de enfrentamento, sacrifício por amor e liberdade, em contraste com os discursos da Capital, que promovem sempre o espetáculo, o controle sobre os distritos e a obediência cega. Sua circulação – ao ser cantada por Katniss em *A Esperança* (2010), filmada e disseminada entre os distritos –, exemplifica o que Foucault denominou “insurreições dos saberes subjugados”, formas de conhecimento e expressão que são historicamente marginalizadas ou silenciadas,

emergem com resistência diante das imposições normativas do poder. Fazendo com que, desta forma, a canção transcenda a sua dimensão estética e torne-se um enfrentamento discursivo.

Torna-se importante destacar que *The Hanging Tree* foi composta por Lucy Gray Baird, personagem apresentada da obra *A Cantiga dos Pássaros e das Serpentes* (2020) – livro que conta a história de Presidente Snow e o início de sua ascensão ao poder para o grande ditador que conhecemos na trilogia original de Katniss Everdeen –, situada cronologicamente 65 anos antes dos eventos de *Jogos Vorazes*. Lucy Gray é uma artista periférica do Distrito 12, e sua condição de mulher, pobre e contestadora confere à canção uma origem marcada pela marginalidade e injustiças sociais presenciadas por ela. Isso reforça a leitura foucaultiana de que a resistência pode surgir de corpos historicamente silenciados e de lugares de exclusão. A trajetória da música – de ser escrita por uma garota desconhecida pela sociedade à sua apropriação como símbolo de resistência – explica como práticas discursivas que parecem inofensivas, podem se tornar perigosas para sistemas dominantes ao serem colocadas em locais de afeto, memórias e narrativas alternativas. A análise evidencia que, seguindo a lógica da obra de Suzanne Collins, a insurgência não se dá apenas por meio de ações físicas ou estratégias militares, mas também por meio da arte e da memória. A canção mobiliza afetos coletivos, evoca lembranças dolorosas e proibidas, além de apontar para possibilidades de um futuro que escapa à lógica da submissão. É desta forma que *The Hanging Tree* se torna um dispositivo de resistência, operando nas brechas do discurso hegemônico da Capital e acionando novos caminhos para a subjetividade. Foucault (1998) afirma que, no lugar de buscar destruir o poder, é necessário antes criar espaços de liberdade por meio da produção de contra-condutas. A música, nesse contexto, é uma contra-conduta que desafia a ordem simbólica da Capital, abrindo caminhos para novas formas de ser, sentir e agir. Podemos concluir que a análise da canção *The Hanging Tree* sob a ótica de Michel Foucault permite compreender de forma aprofundada a articulação entre discurso, poder e resistência na obra. A música não apenas se opõe à visível dominação, mas escapa dos dispositivos usados para disciplinar ao ser difundida e apropriada pelas massas como símbolo de luta. Como afirma Foucault (1998), “é preciso retomar o saber das pessoas, o saber dos insubmissos”, e é neste sentido que a

arte se mostra como um dos principais instrumentos de reconfiguração dos modos de existir.

Desta forma, a obra de Suzanne Collins não está limitada a entreter o público, mas se expande e convida a uma reflexão sobre as estruturas que moldam a sociedade, o controle dos corpos, a vigilância institucionalizada e a força da linguagem com espaço para resistência. A literatura, então, reafirma seu papel de criação do pensamento crítico e político ao oferecer metáforas potentes da condição humana, da opressão e da liberdade. E, como demonstrado nesta análise, cada gesto poético também pode ser político, especialmente dos que cantam diante da força.

REFERÊNCIAS

COLLINS, S. **A Cantiga dos Pássaros e das Serpentes**. Rio de Janeiro: ROCCO, 2020.

COLLINS, S. **A Esperança**. Rio de Janeiro: ROCCO, 2010.

COLLINS, S. **Amanhecer na Colheita**. Rio de Janeiro: ROCCO, 2025.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 20. ed. Petropolis: Vozes, 1999.

FROTA, J. S. **As adaptações cinematográficas como incentivo à leitura: um estudo a partir da obra Jogos Vorazes**. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/69264/1/2022_tcc_jsfrota.pdf. Acesso em: 29 mar. 2025.